

JOAQUIM LEITÃO

Deuses do Lar



I

O MAESTRO
MIGUEL ANGELO



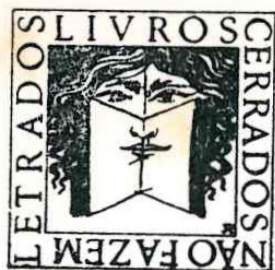
7 Perelra, Miguel Âl

P.

ARREGAL

1916

EDIÇÃO DO AUCTOR



MANUEL FERREIRA
□ ALFARRABISTA □
PORTO □ PORTUGAL

CONFÉRENCIA PROFERIDA
NO THEATRO AGUIA D'OURO,
DO PORTO, EM 15 DE MAIO
DE 1916, NO CONCERTO DE
HOMENAGEM AO INSIGNE
COMPOSITOR PORTUGUÊS
MIGUEL ANGELO

Do mesmo auctor:

Collecção de volumes abrangendo o movimentado período da vida politica portugueza tragicamente iniciado em 1908, subordinada ao titulo generico

UMA EPOCA ⁽¹⁾

- | | |
|---|---|
| I— D. Carlos, o Desventuroso. (1908) 1 vol. brochado—2. ^a ed. 600 | X— As Guerrilhas do Padre Domingos. |
| II— Diario dos Vencidos. (1911) 1 vol. illustrado com o retrato de Frederico Pinheiro Chagas. (Exgotado). Broch. 800 | XI— As Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern. (O casamento d'El-Rei D. Manuel II) 1913. 1 vol. broch. com profusas illustrações 800 |
| 2. ^o vol. em preparação. | XII— As Outubradas. Acontecimentos de 21 de outubro de 1913 (vinda de João de Azevedo Coutinho a Portugal, prisão do Conde de Mangualde, a teia de Homero de Lencastre) e de 20 de outubro de 1914 (o movimento de Mafra). |
| III— A Comedia Politica. (1911). 1 vol. br. 700 | XIII— A Segunda Republica. (14 de maio). |
| IV— Os Cem Dias Funeustos. (1912) 1 volume brochado 1\$000 | XIV— A Igreja Separada. Os Prelados e o Clero ante a lei de separação. |
| V— Os Emigrados da Galliza. (Como se formou a «Galliza».). | XV— Panthéon Nacional. Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Frederico Pinheiro Chagas, O tenente Soares, etc. |
| VI— A Columna de Couceiro. (A 1. ^a Incursão). | XVI— O Cego das Romarias. Romance. (Estudo do Messianismo Nacional) |
| VII— Couceiro, o Capitão Phantasma. (1914). 1 volume brochado com muitas illustrações 700 | |
| VIII— Em Marcha para a 2.^a Incursão. (1915). 1 vol. com ill. e plantas 700 | |
| IX— O Ataque a Chaves. (1916). 1 vol. broch. com illustrações e plantas do combate 800 | |

OBRAS DIVERSAS

- O Varre-Canêlhas.** (1915). Novella trasmontana, com numerosas illustrações, sendo algumas de pagiuva e a côres; capa illust. 1 vol. broch. em papel *couché* grande formato 500
- A Entrevista.** (1915). Collecção de 20 entrevistas celebres. 1 vol. de 320 pag., formato 4.^o, illust. com retratos, broch. 1\$200
- A Bandeira dos Emigrados** 60
- Annaes Politicos da Republica Portuguesa.** (1916) 800

(1) D'esta série estão já publicados os volumes I, II, III, IV, VII, VIII, IX e XI. Os outros ir-se-hão publicando regularmente.

JOAQUIM LEITÃO

Deuses do Lar

I

O MAESTRO

MIGUEL ANGELO

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60074 *Leitão*
Barcelhense

1916

EDIÇÃO DO AUCTOR

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

OFICINA MUNICIPAL
CITY OF BARCELONA

Andantino

AVE MARIA



Á MEMORIA

DE

MINHA MÃE

« Ai! meu filho. Nunca mais tornas
ao Porto, por minha causa!... »

dolcissimo

AVE MARIA



Póde-se affirmar sem exaggêro ter
sido MIGUEL ANGELO o maior mu-
sico portugûês na segunda metade
do seculo passado.

B. V. Moreira de Sá.

As phrases musicaes que abrem e fecham os capitulos são os
motivos das principaes composições de MIGUEL ANGELO.

Maestoso

CANTATA – Final



I—HYMNO AO PORTO

SENHORAS, SENHORES:

NUNCA me tardou tanto chegar a esta cidade de prata em campo azul ⁽¹⁾ sobre um mar de ondas verdes e douradas! Meu nascedouro e brinquêdo, cidade da Virgem e do Menino ⁽²⁾ a que os reis-soldados davam o coração e duas torres marfineas amparavam! Pátria adoptiva de Nossa Senhora de Vendôma ⁽³⁾ onde as armas dos guerreiros florescem! ⁽⁴⁾ *Mãe de Portugal, que ella criou, vestiu de ferro e fez nação,*

robusta e destemida, entre os seus braços e sobre a amurada de suas náos! ⁽⁵⁾ Resumido burgo, de homens d'armas e de bispos, de honrados mercadores, de monjas, de doceiras e de ourives, em cujo pequenino peito cabem as armas de Portugal e a cujo escudo a Torre e Espada entreteceram menagens! ⁽⁶⁾ Berço do trabalho, chão fertilizado pela regueira do juizo, poupado lar que para as lides da grey teve sempre franqueada a escarcella onde Nun' Alvares, o Heroe Santo, o Santo Português, encontrou prestas algumas libras d'Affonsys! Rija barbacan em cujos chuços o *Defensor do Reyno* viu hasteada a esperança da victoria! Tecto de cômimo que deu á luz a aguia das Descobertas! Presepe alumiado pelo azeite que ás alminhas da Ponte leva a crença popular! Pendor rescendente a campo, refrescado pela brisa ribeirinha! Colina que se deita das Virtudes abaixo num desespero d'amor! Visinha do Val de

Piedade! Varanda de Portugal, corrida do rio ao mar, donde vês entrar as náus do Brasil cujos porões são diamantes, e os pharóes, que velam a noite, oiro de Minas! Casal de tecelões e lavadeiras, granja e officina que no ar magoado das Trindades desaffóga os gemidos do seu tear, e rima a luz das estrellas com o écho melancolico do *Bemdicto*, cantado pelas estradas, ao volver do trabalho, como côro de peregrinos repassando o espaço ao tornar da Terra Santa!

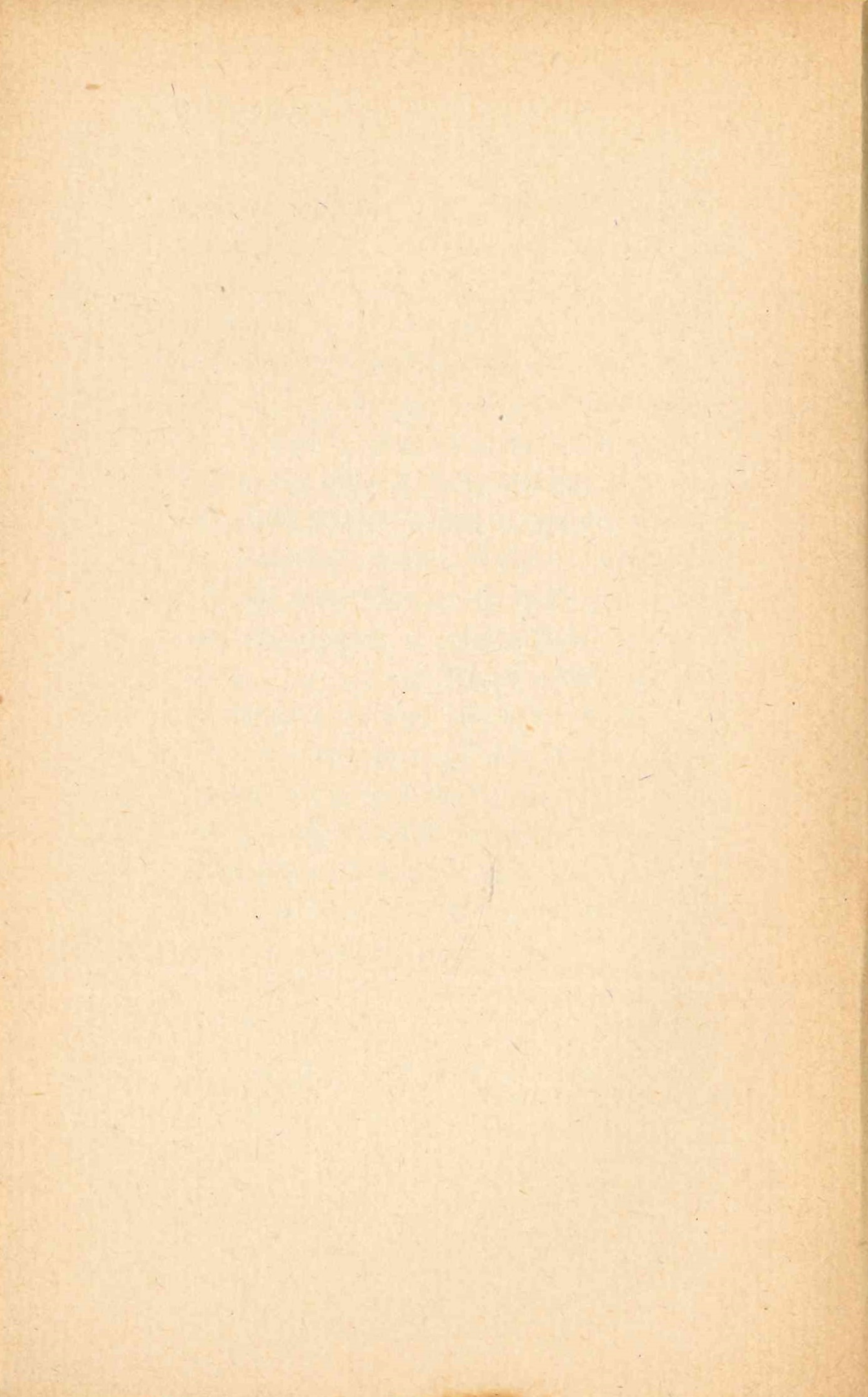
Minha terra de pejeas e irmandades! afillhada da Sé, grangeadora e viadeira, terra de nevoeiros e de lendas, neta de guerreiros, filha de lavradores e de nautas, mãe de poetas e de artistas, irmã gemea da graça e da gloria!

Como me tardava revêr-te!

Moderato

II MAZURKA





Allegretto

SCHERZO ÁRABE



II—JORNADA EM MALA-POSTA

Dir-me-ia na entorpecida Mala-
Posta de nossos Avós! Estas actuaes
seis horas de carvão, galgando desvai-
radamente a estrada de ferro, parece-
ram-me as trinta e quatro horas das
velhas carruagens puxadas a horssas
francêsas, com as suas 23 mudas, os
seus somnolentos solavancos, desde o
meigo estuario do Tejo até ao arreba-
tado Douro. A simples corrida d'auto-
movel á Estação do Rocio, contada
pelo relógio d'esta impaciencia, durou

a lentidão do vapor da *Companhia do Tejo e Sado*, rio acima até ao Carregado, onde vivia a central da Mala-Posta. Ahi já estavam de parelhas atreladas as tres classes de carruagens, systema inglês, postilhão na sua pé-cha, conductor alérta, saccos do correio com os alforges, batus de fôlha e carnações ponteados de taxa amarella e cestarólas de merendeiros, tudo accommodado no tejadilho, debaixo do encerrado. Dentro, os oito passageiros de 1.^a classe aconchegavam os seus capótes de camelão, e atavam por baixo do queixo as fitas dos bonés de orelhas.

Largou o carrão entre estalos de chicote e estímulos gutturaes do postilhão. Ceámos nas Caldas da Rainha á luz dos archotes da Saldanhada, narrada por um capitão de infantaria de linha. Enquanto iam atravessando o pinhal de Leiria, ouvimos nas narrativas de outros companheiros de jorna-

da os bacamartes dos salteadores rebentando cavallos e despachando para o outro mundo os cavalleiros. E, ainda um homem sanguineamente beirão não acabára de contar os feitos do celebrado Marçal, commandante de quadrilha, e assucedimentos arrepiantes de esperas do Almorfe, pelo concelho de Chaves, chegávamos á mesa do almoço. Findo o repasto, entregámos novamente as costélas ás taboas da Mala-Posta, mudámos umas poucas de vezes de parelhas, e ouvimos historias de frades e de francêses até o jantar, em Coimbra. Desfalleceu novo dia, nova muda o carrão esalfou na pedrilha das estradas, povoou-se Avelãs do Caminho, antre Agueda e Anadia, seguimos por Alardão, junto á Borralha e ao rio Agueda, e nova noite trouxe á conversa dos passageiros o pavor dos capitães de ladrões, as proezas do Remexido, os saques do José do Telhado que, dizia um clérigo, extrahia e dis-

trahia moedas com mais limpeza do que a governança cabralina. E assim foi a imaginação ouvindo zagalótes assobiar ás orelhas espertas das horssas, historias de cruces pintadas a cal nas pedreiras ou traçadas por dois galhos d'arvore, nas encruzilhadas: sempre surpresas de quadrilhas, vidas despedidas pela carga de pistolas, despejadas á queima roupa dos brejos dos caminhos.

Um companheiro de jornada confessou ter feito testamento e encomendado a alma a Deus, antes de se affoitar áquella arriscada empreza de transmittir os ossos aos eixos da Mala-Posta, e confiar a vida aos provaveis assaltos dos pinhaes e despenhadeiros de duas noites, entre Lisboa e Porto.

Passámos ao Pinheiro da Bemposta, que aparta Albergaria-a-Velha de Oliveira de Azemeis. Succediam-se as mudas, os rios, os vales e as colladas, e a jornada não queria ter fim. Cho-

vêra. Não se confirmára a ameaça de a cheia do Mondego nos vedar a jornada em Coimbra, ainda houvera o receio das cheias do Agueda e do Vouga, e já o conductor contava que o empregado postal, que no seu lugar reservado ao pé do postilhão acompanhára as malas, falava em que a cheia do Douro bem decerto mandaria reter o correio em Villa Nova, até ser conduzido para a Rua S. João e Rua da Victoria. Mas chegados que fômos frente ao Porto, ao Alto da Bandeira, o Douro amainára. A pesada bicha das carruagens deixou o posto fiscal de Gaya, meteu pela estrada até á ponte pensil, e desceu á Ribeira.

O precatado commercio portuense, desde a Porta Nova á Porta de Carros, podia ir mandando pelo correio á estação das Carmelitas, que não tardavam lá as malas. Os temerarios viajantes já dobravam os cobrejões, e entre o mó-lho de guarda-chuvas e de pernas cada

qual escolhia as que lhe pertenciam; os cotovêlos escovavam os chapéus. Para as trinta e quatro horas da jornada faltavam apenas uns quinze minutos, e para o termo d'aquelles trabalhos só a subida da Rua de S. João que foi feita com troncos, sottas, dean-teiras, uma ruidosa força motriz que as gentes suburbanas e ribeirinhas accorriam a ver. E com certo desvanecimento dos heroicos passageiros, a Mala-Posta vencia a congosta, metendo a um canto os carros de bois e as éguas assustadas dos retrógados.

Tinham batido as seis da manhã.

Tal aquella rheumatisante jornada, em Mala-Posta, que o fomento encurtou em 1863, me pareceu esta vinda de Lisboa ao Porto.



All.^o moderato

SERENATA



III—OS GRANDES DO PORTO

E porque tanta impaciencia?

Porque?!... porque a saudade de uma terra amada é mais insoffrida que a curiosidade de desvendar maravilhas ineditas. Tenho entrado a dormir no *Quai d'Orsay* e na estação de Victoria, em Londres. E' sempre de alma ajoelhada que avisto as torres da minha terra e abraço o amesendendo do nosso burgo, que aspiro esta brisa mestiça de ribeira e de colina, repouso o olhar na tranquilla bucolica das quin-

tas da sub-riba, me enlévo na graça da casaria marinhando a encosta, me confirmo no polygono da cidade, cuja perspectiva laboriosa e hospitaleira não tem a frieza das cidades de palacios, antes bafeja a ternura d'um lar que nos espera de braços estendidos. E não ha annos de emmigração, lonjuras de exilio, habitos de outras terras, em que as relações accamaram as horas desoccupadas e agradaveis da vida, que façam esquecer o queridissimo Porto. Póde o corpo andar ausente d'elle, a alma do portuense assiste aqui. O amor da *terruña* é o socalco do amor da Patria. Os *Ayres de miña tierra*, de Curros Enriques, cantam tanto a Hespanha como o *Quixote*. O *Auto do Fim do Dia*, de Antonio Corrêa d'Oliveira, e a *Luzitania no Bairro Latino*, de Antonio Nobre, rescendem ao mesmo amor que gerou a immortalidade dos *Luziadas*.

Português sou, e de português ser

me orgulho, mas de todo o Portugal não quero que haja mais linda terra do que este Porto, como o trasmontano, o minhôto, o beirão, o extremêno, o lisboêta, o alemtejano, o algarvio, o ilhéio teem o dever de descrever de terra mais linda que a grandiosidade dos seus schistos nataes, do que a sua maneirinha e amoruda bucolica, do que a pureza fidalga das suas Beiras, do que a brancura panoramica da sua Lisboa, do que a gracilidade da sua Extremadura, do que a vastidão feudal do seu Alemtejo, do que o seu chromatico Algarve, do que os seus rochedos rentados pelo oceano.

Para mim é esta nossa a mais inspirativa das paysagens, como as mais alvoroçantes jornadas são as que teem seu termo no Tunel d'Ave Maria. Toda a vez que aqui venho, é como se fosse a primeira, iniciante visita. D'esta feita, enfestado se me affigurou o caminho e maior a tardança de re-

ver, com minha vista saudosa, este presepe onde nasceu Portugal.

E' que vinha, entre portuenses, ajudar com minhas poucas forças, a lançar a primeira pedra do monumento a Miguel Angelo, uma gloria portugêsa, e figura do Porto. Estrangeiro que me visse correr assim alvoriçado, para a consagração de um portuense illustre, creia que de glorias locaes andassemos carecidos. Só pela cabeça de estrangeiro, e mal versado na nossa historia, poderia passar a enganosa idéa de ter poucas folhas o nosso album de glórias. Se aqui viu a luz Portucale, como haveria o Porto de ter livro de costados pouco volumoso? E se ninguem se affoita a nos negar a qualidade de trabalhadores, como poderíamos nós ter passado séculos sem nos distinguirmos no trabalho das armas, no trabalho de Deus, no trabalho da permuta, no trabalho das letras, no trabalho das sciencias, no trabalho das artes, no traba-

lho de reger povos, e no trabalho da Bondade e da Caridade? Graças a Deus que nos não faltam guerreiros, nem santos, nem escriptores, nem sabios, nem artistas, nem politicos, nem corações para bemquerer e bemfazer aos pobrinhos!

Antigos, muito nobres e sempre leaes e invictos nos chamaram.

Tão « *antigos* » que fômos nós quem ensinou as luzas gentes a soletrar a palavra Portucale, que fômos nós o cáes donde em 1390 se embarcaram os *Doze de Inglaterra*, que fômos o embaladouro do 3.º filho do Mestre d'Aviz a quem já offerecêramos o leito nupcial, (7) que lavrámos as primeiras moedas de dez reis que correram no reyno e que cunhámos os primeiros nautas quinhentistas — com o Scismador de Sagres, D. Fernando de Magalhães.

« *Leaes* »? Como ninguem!

D. Antonio de Souza de Macêdo,

desembargador dos aggravos, na casa da Supplicação, que em 1640 confirmou pela acção o seu patriotismo *entre-mostrado* no livro as *Flores de Hespanha, Excellencias de Portugal* e que escreveu *Eva e Ave*, ou *Maria Triumphante*, e representou Portugal nas nossas legações de Londres e da Hollanda, foi jurisconsulto, foi poeta, foi prosador, foi diplomata, foi português, mais foi sobretudo um portuense. Quando outra fôlha de baptismo não apparecesse, bondava esta da sua lealdade: quando a machinação palaciana tirou a Affonso vi a mulher e o thrôno, D. Antonio de Souza de Macedo recusou-se a cumpliciar a conjura. E a adherir ao Regente preferiu as perseguições, a demissão de todos os seus cargos, e á convivencia rendosa dos dominadores a obscuridade, para onde foi prelibar da definitiva sepultura.

Nasceu e morreu portuensemente honrado!

Não foi só D. Pedro IV que nos deitou o appellido — *Leal cidade*.

D. João I assim nos cognominou nesta fala: *Os que confessaram commigo o pápa Urbano, ser verdadeiro pastor da egreja; e o mestre, defensor e regedor d'estes reynos, foi a Boa e Leal cidade do Porto, que muito trabalhou commigo, neste tão forte negocio, mostrando e ministrando grandes ajudas e despesas, por manter a verdade, que eu defendia.*

E nobres nos affirmou nas côrtes de Coimbra, e tam nobres nos reputou que de nós aceitou o thálamo e o berço de um filho, que concedeu ás mulheres portuenses o privilegio de não poderem ser prêsas por culpas dos maridos, e estes só o serem nos mesmos casos em que eram prêsos os fidalgos, cujo tratamento em prisão seria igual para os portuenses. Este tanto prezar de D. João I os portuenses provém da honrosa resposta

que a cidade deu ao Mestre na hora incerta em que se jogavam os destinos da Dymnastia d'Aviz e os dos Portuguezes. Foi este o recado que D. Ruy Pereira, tio do Condestavel, levou: *Dizei ao Mestre, que, ainda que elle não fôra filho conhecido de El-Rei D. Pedro, bastava o nome que tomou, de defensor do reyno, para, só por isso, nos darmos por obrigados a servi-lo, com fazendas e pessoas.*

As trombêtas, atabales e charamêllas que atroaram o rio e nossas muralhas, a quando D. João I desembarcou do seu luxuoso escaler e entrou á cidade pela Porta Nova, não gritaram mais alto a lealdade dos portuenses. Os vestidos e brocados que os principaes da cidade levaram á chegada do Mestre ao Porto não luziam mais do que aquellas palavras, dadas quando Lisboa fechava os seus postigos á Dymnastia d'Aviz. Como o sermos nós os primeiros que tomamos voz por elle, ahi no

campo do Olival ⁽⁸⁾—*Real! Real! Real!*
Pelo Mestre d'Aviz, regedor e defensor
de Portugal!—, levou mais luz á sua
alma do que as flores e os punhados
de trigo e milho com que as senhoras
portuenses coroaram D. João I, quan-
do elle passou, empós as auctoridades
e justiças, os vereadores e *homens bôos*,
por entre a mó de povo que nem dei-
xava ver as colchas de murta e flo-
res que drapejavam as casas e alpen-
dravam as ruas nem os tapêtes de
herva santa que tapetavam as calçadas.

Nas horas angustiosas da Patria o
Porto foi, e ha-de ser sempre, uma
terra em que todo o povo é fidalgo.

Bata-nos á porta o inimigo, e a
vanguarda será dos portuenses!

Invictos, fomo-lo sempre. Creámo-
nos nos campos de batalha, nossos
brincos foram a lança e a bésta, desde
tamaninhos nos costumámos a falar de
frente erguida aos poderosos. Simples
mulheres do povo correram Francisco

de Lucena, que Phillipe III mandou ao Porto, para lançar o *tributo das maçarócas*. As mulheres, mais animosas que os senhores da Camara, amotinaram as ruas da cidade, e, topando o ministro do estrangeiro no largo de S. Domingos, correram-o á pedrada. E davam conta do delegado philippino, se elle não se esconde no mosteiro de S. Domingos, não salta o muro da cêrca—actual Rua Ferreira Borges,—e não se passa ao convento de S. Francisco, cujos frades o disfarçaram e o puzeram da banda d'além, para elle se asylar no mosteiro da Serra do Pilar e fugir para Madrid donde, por mais que o Bispo lhe mandasse recado que já estava tudo assocegado e a tropa em armas, nunca mais se atreveu até estes muros.

D'outra vez, em 1661, a rainha D. Luiza de Gusmão, que regia na menoridade de Affonso VI, deu ordem para não ser despachado requerimen-

to que não fosse formulado em papel sellado. Os procuradores do povo foram ao Senado Municipal pedir que se fizesse saber ao rei quanto era penoso ao povo o novo tributo.

Desattendidos os procuradores pela Camara, a arraya meuda levantou-se, e em grita enfurecida foi ao Arco de S. Domingos, apedrejou a casa do thesoureiro da cidade, e obrigou-o a lançar á rua todo o papel sellado que lá tinha, de que o povo fez queima. E para a fogueira ia a casa do thesoureiro, e elle proprio, se os mostenses de S. Domingos lhe não valem, e a Camara não põe tam depressa em liberdade os procuradores do povo.

Não só com funcionarios fiscaes se soube haver o Porto. Quem despediu o Beresford; quem vingou a affronta que esse inglês despota e cruel fez ao brio portuguez mandando enforcar, na esplanada da Torre de S. Julião, na manhã de 18 de outubro de 1817,

o tenente-general Gomes Freire, heroe da brecha de Oczakoff, da retirada dos Pyrinéus, das batalhas do primeiro Imperio; quem se revoltou contra a carnificina do campo de Santa-Anna; quem pagou o sôlido aos soldados e officiaes portuguezes, tão preteridos pelos officiaes inglêses que serviam no nosso exercito; quem depôs afinal o absolutismo britannico de Beresford, foi o Porto com a revolução vintista. Manuel Fernandes Thomaz venceu os esbirros de Beresford, venceu o terror lisbonense, venceu a Regencia!

E, de passo que ennobrecidos pelo tempo, pela lealdade, e pela bravura, ennobrecendo-se iam os portuenses pelo talento: de Vasco de Lobeira, autôr do *Amadis de Gaula*; de Pedro d'Andrade Caminha, camarista de D. Duarte, e poeta muito querido do seu tempo; de Faustino Xavier de Novaes; de Francisco de Sá e Menezes, Frei Francisco de Jesus, o autôr do celebre

poema *Malaca Conquistada*; do apaixonado lyrico Thomaz Antonio Gonzaga que cantou a *Marilia, a Marilia de Dirceu*.

E' do Porto que o seculo XVIII vê surgir o *pae da diplomacia portugêsa*, o Padre João Pedro Ribeiro, lente de diplomatica na Universidade de Coimbra, socio da Academia Real das Sciencias, autôr de valiosas *Memorias e Opusculos* em que se versam questões historicas. Recordada grande gente, pela poeira dos seculos emfóra, dada á luz pela minha boa terra natal, não hei-de esquecer um dos maiores: o pintor Francisco Vieira, o *Vieira Portuense*.

O Padre Balthazar Guedes aqui veio ao mundo para bem dos orphãos, para os quaes correu o reyno a esmolar. Frei Paulo d'Azevedo, franciscano, martyrisado na Asia, onde os hespanhoes o encontraram annos depois incorrupto e tam respeitado das fêras e dos vermes como em vida o

fôra dos homens, nosso conterraneo era. E, a par de marinheiros, de pintôres, de santos, de bardos e guerreiros, era de berço portuense o *divino* Garrett.

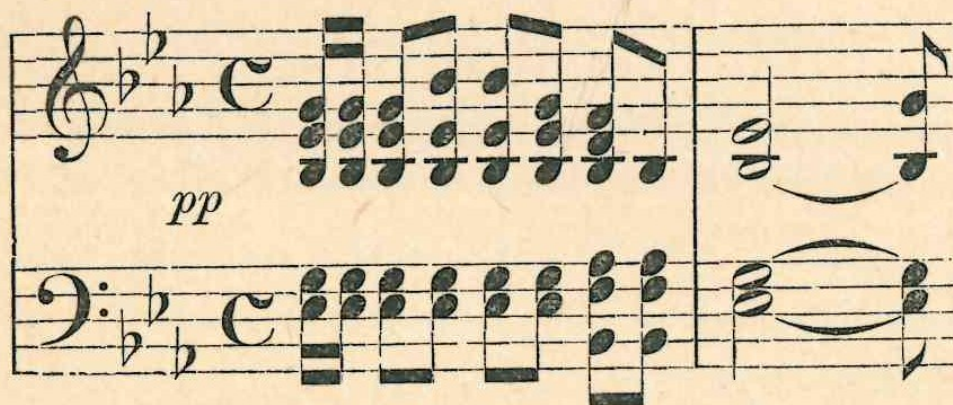
José Ferreira Pinto Basto, fundador de uma dymnastia de negociantes, Francisco Pinto Bessa, Faria Guimarães, José Ferreira Borges, autôr do *Codigo Commercial Português*, d'este emporio commercial são filhos. Pois não era portuense João d'Almeida e Mello, pae do grande Francisco d'Almada, e fundador do primeiro theatro lyrico que houvemos em Portugal e no Porto, ali ao Corpo da Guarda, e tambem fundador da *Gazetta Litteraria*, redigida pelo Padre Francisco Bernardo de Lima, o primeiro folhetinista português? E não foram nados no Porto Soares de Passos, Ricardo Guimarães Visconde de Benalcanfôr, Arnaldo Gama, Augusto Soromenho, Julio Diniz, Antonio Coelho Louzada,

Silva Porto, Rodrigues de Freitas, Alexandre Braga (Pae), Guilherme Braga, Antonio Nobre, Cyriaco de Cardoso, José Pereira de Sampaio (Bruno) e Ramalho Ortigão?

Para não passar todas as horas d'esta noite—que todas seriam poucas—a declinar nomes de portuenses illustres, assello este incompletissimo tombo da nossa casa portuense com o nome de Miguel Angelo que se aqui não viu a luz da vida, o Porto elegeu para sua patria adoptiva e regaço da sua gloria.

Moderato

FANTASIA HEROICA



Maestoso

EURICO



IV—UMA DYMNASTIA DE MUSICOS

E' um artista dos meados do seculo XIX. Por 1843 ⁽⁹⁾ foi o seu natal na ducal villa de Barcellos.

A sua vida decorre tão solidariamente extrême á vida da cidade ⁽¹⁰⁾ que só ao biografá-lo se attenta em que não é tripeiro legitimo.

Ter sido seu berço a namorada do Cavado é mero acaso.

Já assim não é fortuita a profissão de artista. Vinha sopitando desde o

seculo dezoito essa braza sagrada que Miguel Angelo reaviva.

A Allemanha tem um principado de musicos que se chama Bach. Na monarchia dualista de Francisco José fundaram tambem, e conservaram, os Strauss uma secular familia de musicos. E o popular Puccini de hoje conta atraz de si uma verdadeira heraldica musical.

Pois a dymnastia de musicos portuguezes, em que entronca Miguel Angelo, vae já na 4.^a geração.

O pae de Miguel—Bento de Araujo de Pereira Monfort—já em 1809 escrevia um tratado de harmonia, contraponto e instrumentação. Bento Pereira fôra educado para a vida religiosa. O liberalismo, torcendo as rextas dos conventos e dispersando as communidades, encontra-o ainda sem tomar ordens. E esse homem encontra-se na rua sem o ouro da dotação, apenas com a prata da sua garganta. Constitue

familia, tem tres filhos varões: Miguel, o senior, Lourenço e Alfredo (¹¹) como os irmãos e o pae, musicos tambem.

Miguel deixa cinco filhos, todos musicos.

De Lourenço descendem treze filhos que elle tinha a mania de baptisar por ordem alphabetica: o primeiro Alfredo; segundo Beatriz, o oitavo Hamilton. Queria deixar o Zacharias mas morreu antes de chegar á letra Z. Ficou no M. Esses treze filhos do Lourenço, nascidos no Brasil, donde o irmão de Miguel nunca mais voltou, são todos musicos.

É de imaginar o que seria a vida do fundador d'esta dymnastia de artistas, creado no desconhecimento da vida pratica, só costumado a solfejar e a reza, que se vê ao depois com uma casa de familia, num país e numa epoca em que a arte, como as letras, era uma profissão inconfessavel.

O contemplativo lá foi como pôde

grangeando a vida profana, a cantar pelas capellas e a mestrear musica e humanidades. Ensinou o conego Alves Mendes, ensinou tambem Miguel Angelo a solfejar, e emigrou. Tres dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, Bento Pereira Monfort tinha um successo, como mestre capella; mas a familia, deixada em Portugal, não tinha que comer.

Miguel Angelo enfita a mãe dolorosa, bebe-lhe as lagrimas num beijo, e sae á conquista do pão.

Era manhãsinha.

Um ministro de Deus entrava á Real Capella da Lapa, a rezar a sua missa. Na indecisão do nevoeiro, á meia luz rôxa do dia nascente, o sacerdote entrevê um novelinho de innocencia, anjo que houvesse cahido de uma tela de primitivos, nos sanctificados degraus de um templo christão. Era aquelle chefe de familia de sete annos ⁽¹²⁾ que—dados poucos passos

sem rumo, no Bairro da Lapa onde demoravam, no escadós de granito, que ascendia á casa do Senhor,—se ficara a ermar a tristeza dos que não sabem o que ha-de ser d'elles.

Contada a decisão de, por suas mãos, agenciar o pão nosso de cada dia, e interrogado sobre o que sabia fazer, respondeu:

—Sei cantochão e ajudar á missa.

E de acolytar o sacrificante, Miguel voltou para casa com as primeiras flôres do seu talento que no regaço materno se transformaram em pão.

Breve, uma primeira vaga de *menino do côro* da Lapa lhe assegurava a sua limitada grangearia e, por inherente direito, a frequencia graciosa do Lyceu da Lapa, vindo a letrar-se nos bancos da mesma escola por onde passou Ramalho Ortigão ⁽¹³⁾, o mestre de bem escrever e de bem viver na honrada pobreza das letras, e onde «nasceram os dentes e as letras» ⁽¹⁴⁾

a Ricardo Jorge, o polygrapho gigantesco, unico que bem pode titular-se discipulo de Camillo, pela prodigalidade do lexicon, pela gymnastica da synthaxe, pela riqueza incessantemente renovada das permutações litterarias.

Chamou-o o pae para a sua companhia ⁽¹⁵⁾. Continuou a podar-lhe o talento, e pouco tempo dobrado os salões e theatros do Rio de Janeiro ⁽¹⁶⁾, que glorificaram Arthur Napoleão e entreteceram a primeira corôa de louros ao maestro Sá Noronha applaudiam mais um pianista portuguez.

Aos 14 annos, Miguel Angelo via-se organista da Capella Imperial, nomeado pelo seu, desde então, admirador e amigo, o proprio Pedro II, o rei philosopho, culto como um sabio, bom como um Santo.

Adg.^{io} susten.^{to}

ONDINA – Quintetto



All.^o piú vivo

TE-DEUM



V—O PORTO CONTEMPORANEO

Quando Miguel Angelo tornou ao Porto (1864) tinha 21 annos, provára da gloria, e era portador duma technica de pianista que afugentou uns pobres diabos que por aqui andavam a fazer-se passar por mestres de piano. O principal professor de piano approára ao Porto como caixeiro viajante de uma fabrica de sêdas, e aqui se deixou das sêdas e se apropriou do piano. Esse e outros, que não recebiam menos de doze vintens nem mais de cinco

tostões por licção, fugiram espavoridos quando deram com os olhos no sabedor Miguel Angelo. (17) Não tinha diplomas, tinha talento e essa educação estructural que está para a musica como para a litteratura estão as humanidades—era um bom solfista. E como executante soterrou na sua technica aquella macábra maneira de tocar, aos pulos, ás bicadas no piano, em epilepsias arranjadas para a figuração d'aquella epoca de inspiração, em que os poetas e os musicos se derretiam como as vélas que lhes alumiam o téclado.

Sem attingir essa frieza, de estatua saxonia, do snr. Vianna da Motta, a quem o snr. Antonio Arroyo reclamava, na critica á execução de um trecho gaulez, «mais graça, mais *coquetterie*», Miguel apparecia correcto e todavia,—como expressão,—fazendo, como ninguém, cantar o piano (18).

Com a carreira feita no Brasil,

Miguel Angelo preferiu fazer arte a fazer fortuna.

Ficou.

O Porto pouco adeantára desde que Miguel Angelo saíra a barra do Douro, no navio de véla que o levára á Côrte de Pedro II. Evidentemente, deixára de ser aquela treva onde bruxoleavam apenas as lampadas dos nichos, já não cheirava ao oleo de purgueira ou aos côtos de sêbo, do lampeão de dois pavios, com que os servos pharolavam as *cadeirinhas* dos patrões, a caminho do theatro, ou o rancho das senhoras, de volta do serão, passado num honesto *lôto*, ou na meditada leitura do *Braz-Tizana*.

Era já um escandalo o casaco de pelles, com alamares de torçal, as botas á Frederico e o *casse-tête* de Camillo, em cujo sangue viviam ainda, como nos seus livros, os morgados aventureiros e amorudos.

O Porto tinha gaz, tinha periodi-

cos, tinha o Palacio de Crystal. O «pastatorio dos Loyos» seria bocejante, a loja de livros de Nicolau Moré não desbancaria os estabelecimentos do *Palais-Royale* que viram o collête encarnado de Balsac; o *Café Guichard* mereceria o desdem d'um folhetim de Julio Cezar Machado, mas Miguel Angelo preferiu o Porto.

Talvez que uma aza de saudade se tivesse prendido aos cyprestes da Lapa, ou que o seu talento se enriquecesse naquella geração de homens tão interessantes, pelos toques de original personalidade que com elles morreu. Era uma geração de romanticos, e romanticos ficaram por dentro mesmo aquelles que por fóra se equalitaram na vulgaridade de hoje.

Foram os ultimos abencerragens da cabelleira e do branco luar, com seus passeios merencórios ás campas e as suas ceias no «Aguia d'Ouro». Choravam com a mesma sinceridade

com que comiam e bebiam (¹⁹). Improvisavam desesperos fatais com a mesma pressa com que imaginavam uma jantara (²⁰).

Era o Porto dos Girões, dos Preladas, dos Browns, dos Arrochelas, de Eduardo Vianna, o primeiro monóculo da Rua de S.^{to} Antonio, e era tambem o Porto de Alexandre e Guilherme Braga, de Agostinho Albano, de Amorim Vianna, um «typo» que já sahira de Coimbra desvanecedoramente alcuñado o «Newton», de Augusto Luzo da Silva, poeta e geographo, do dr. Antonio Augusto d'Almeida Pinto, de Soares de Passos, de Ernesto Pinto d'Almeida, de Diogo Souto, vulgo o «Souto da cartola», de Gustavo de Souza, o architecto que dirigiu as obras do Palacio de Crystal, de Borges d'Avelar e do Borges «Armador», de Costa Carregal, o impressor da *Atala*, que estou a ver de gravata branca, chapéo de sêda á corregedor,

ou, então, na officina, de boné de veludo gutenberguiano, a sua cabelleira fulva e a sua pêra de Mephistofeles.

Era uma geração de românticos, era, com todas as contradicções e desequilibrios dos românticos, mas com todas as sympathias do romantismo. Creanças grandes que comsigo mesmo se divertiam, como esse querido, chorado Cyriaco de Cardoso, requintadamente artista, que assim dizia numa hora de bom humor, sahindo do barbeiro, de braço dado com Miguel Angelo:

— *Tremei, paes de familia! que vão aqui Cyriaco o elegante e Miguel Angelo o bonito!* ⁽²¹⁾

Miguel, que foi na vida e na arte um romântico, devia dar-se bem com a geração e a geração não podia menos que admira-lo. E assim foi. Tudo quanto a nação teve de grande no talento foi das suas relações.

Tratou Herculano, João de Deus,

Thomaz Ribeiro, irmanou com Raphael Bordallo Pinheiro e Guilherme Braga, com Ernesto Pinto d'Almeida e Urbano Loureiro, privou com Bruno, Borges d'Avelar ⁽²²⁾, João Penha, estimou Alexandre Braga (Pae) e Joaquim de Vasconcellos, tocou com Arthur Napoleão, Nicolau Ribas, Marques Pinto, Sá de Noronha, Cyriaco e José Candido, mestreou João e Antonio Arroyo e Moreira de Sá, querida sobrevivencia d'essa geração de musicos portuenses, cuja vida admiravel me apraz aqui saudar com admiração pela sua polycultura e as suas faculdades de trabalho, homem que maneja a musica e as linguas e que alembra, pelo seu tenaz labor, um d'aquelles antigos fradinhos que se alimentavam de fadiga e cuja vida era uma unica e nunca despegada vigilia.

Forte e nobre geração! ultima que soube amar, que soube rir, que teve tempo para soffrer e para delirar, que soube chorar por uma *prima-dona*, e

tanto se desjejuava com uma quintilha como jantava duas vezes ⁽²³⁾, e que tanto era capaz de morrer por uma visinha tysica como trabalhar alegremente e toda a vida para uma carga de familia.

Ainda não fechou a saudade dos que morreram pequeninos como Hamiltou de Araujo e Alfredo Carvalhaes, parece-nos que ainda hontem encontrámos Camillo á porta do Moré, que ainda está a preluzir esse astro que é Julio de Mattos, que ainda está a crescer a juba a Ricardo Jorge, que ainda está ali nas Aguas Ferreas Oliveira Martins, visitado por Anthero, por Junqueiro, hoje o maior poeta da Europa, por Luiz de Magalhães, pelo Ramalho.

Tão querida é esta infindavel galleria de grandes homens que parece-nos sentir rodar o carro que conduzia, no cortejo pombalino, a machina da irreverente *Folha Nova*, em cuja collecção Emygdio d'Oliveira, o maior artista de

todos os homens de letras que o jornalismo nos raptou, congregou as maiores pennas da geração.

Tão grato ao recordar é esse ramo da familia litteraria portugueza que nos não aborreceríamos de ouvir ás portas dos mercados ou no largo dos Loyos os fados de *Tiburcio Pedra*, com que Sá d'Albergaria praticava o mestrado do dialogo popular, de que deixa nas paginas do *Jornal de Noticias* a mais preciosa collectanea que jamais a litteratura portugueza viu, desde Camillo para cá.

Compreende-se tão bem que Miguel Angelo se afeiçoasse a taes companheiros de geração e este templo de arte preferisse á capela imperial!...

Demais a mais no Porto latejava uma revolução. Apparecesse o homem que apaixonasse as multidões e a revolução seria um facto.

Appareceu Miguel Angelo. Vinha na hora propria.

São d'esse tempo as famosas quartettadas em casa do *dilettanti* João Miranda ⁽²⁴⁾ que ás quintas-feiras recebia Miguel Angelo, Nicolau Ribas, Marques Pinto,—já rabequistas feitos —Moreira de Sá e Bento Santos, e se não despedia de sobraçar o violoncello e «fazer uma perna numa quartettada». Em volta desse homem interessante, e de bom gosto, se fez boa musica de camera, encarregando-se Miguel Angelo do piano, Nicolau Ribas do 1.º violino, do 2.º Moreira de Sá, Marques Pinto da violêta, e Cyriaco de Cardoso— mais tarde Joaquim Casella—, do violoncello. Os Arroyos ⁽²⁵⁾ eram outro centro artistico que congregava a geração.

José Arroyo executava maravilhosamente, Antonio Arroyo cantava com muita expressão ⁽²⁶⁾, João Arroyo, de passo que assombrava Coimbra com o seu fermoso talento, capitalisava os seus dotes de compositor. E não che-

gava partitura nova que Miguel não lêsse, que os camaradas não estudassem, não analysassem e não criticassem, tomando assim seguido contacto com as novas conquistas da arte. Ali se acabou Miguel Angelo de armar para o combate á musica italiana, unica que então se cultivava e prezava no Porto. Foi essa a idea que presidiu á fundação da *Sociedade de Quartettos*, de que faziam parte os mesmos das *quartettadas*, e que morou no salão do Real Theatro de S. João.

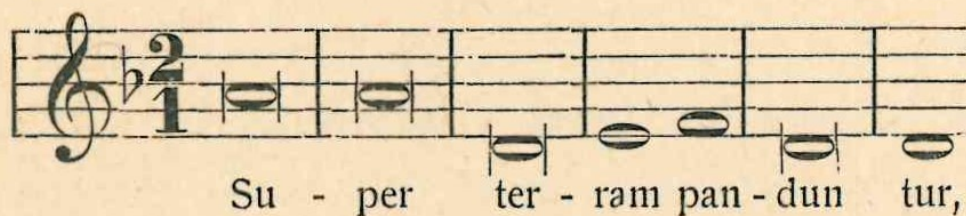
Dois annos depois do retorno ao Porto, Miguel Angelo era uma celebridade. Ganhava o que queria ⁽²⁷⁾. Nem a passagem de Arthur Napoleão por aqui lhe cerceou os discipulos ⁽²⁸⁾. E com 23 annos a sua biographia tentava a penna de Guilherme Braga que, nesse anno de 1866, annunciava nas paginas do *Porto-Elegante* a opera «Eurico». Miguel Angelo já empeçára a reputar-se ⁽²⁹⁾ como compositor; mas

na admiração publica radicara-se invasoramente a sua celebridade de pianista, com a sua paixão por Chopin, que executava magistralmente, bem merecendo o titulo de *chopinista* ⁽³⁰⁾. Só em 1870 o «Eurico» foi cantado em «S. Carlos» e só em 1874 o Porto o ouviu.



Grave

EURICO



VI—AS RECITAS DO “EURICO”

Recitas assignaladas, essas do «Eurico»! Que encarniçados prélios na sala do «S. João»! ⁽³¹⁾. Não vá d'ahi suppôr-se que desfeitearam o maestro os artistas, ou que conscienciosamente lhe sentiam os defeitos os que a pateavam ⁽³²⁾. O «Eurico» póde considerar-se uma obra da infancia: o artista tinha 27 annos quando *S. Carlos* a ouviu. Extrahido das ponderosas paginas de Herculano, o libreto ⁽³³⁾ continha uma certa monotonia que por

força havia de impregnar a opera, não lhe conseguindo, porém, comprometer a inspiração, nem obscurecer o saber que a trabalhou, com mãos de mestre. A *preghiéra* e outros trechos que vamos ouvir esta noite nos darão uma idéa do que seja essa opera, posta de pé, com toda a sugestão do scenario e do guarda-roupa. Os bailados são obra de um mestre. Não trazem nenhuma incerteza ou hesitação d'uma estreia. Trabalhada inconfundivelmente sobre o estylo e tonalidades arabes, obra com esse character—que Miguel Angelo sustenta atravez toda a dança—nenhum compositor assim a escreveu. Esses seus bailados arabes teem a viveza e lascivia do Oriente, a monotonia voluptuosa e doce dos adufes, o esgridar alacre de monosyllabos em labios de laca, o morno tanger de atabales em gala, o écho nostalgico de festa mourisca, expressão fiel de quanta luz, quanta voluptuosidade, quanta côr,

quanta musica, quanta dolencia, quanto faceirismo, quanto character a terra branca póde conter e evocar.

Mas no «Eurico» ha uma novidade notavel a que nem os amadores, nem os criticos do tempo, nem o proprio compositor podiam notar: a presciencia do *leit-motif* de Wagner. Não é o *leit-motif* wagneriano, novêllo thematico pelo qual a acção vae puxando até de todo o desenrolar, mas é o emprego da phrase principal que se repete, como um écho, como uma saudade que repeza ou como uma esperanza que preocupa, ou um desejo que atormenta, á maneira de Weber, no *Freischutz*. E para que não se mal-sine de emboscado e incipiente decalque sobre os moldes do philosopho de Leipzig essa presciencia do *leit-motif* que palpita na obra de Miguel Angelo, não passo d'aqui sem lhes lembrar que Wagner era, então, de todo ignorado no Porto. Só mais tarde,

o sr. Joaquim de Vasconcellos trouxe de Hamburgo uma partitura, para piano e canto, do *Tanhäuser* que, lida á primeira vista ⁽³⁴⁾ por Miguel, arrebatou a geração.

De resto, mesmo que os *leões* do teatro lyrico do Porto houvessem surpreendido essa presciencia de Miguel Angelo no seu «Eurico», nem por isso lhe perdoariam as premeditadas hostilidades.

O theatro dividiu-se na questão do «Eurico» como estava dividido para tudo. E o que separava a platêa era a divisoria de *geral* e *superior*. Os *casacas* applaudiam na *superior*? Pois da *geral* pateavam os *jaquêtas*. Desde que o «Eurico» era pateado pelos *casacas*, podia contar com os applausos dos *jaquêtas*. A estes juntaram-se os artistas, os musicos, os poetas ⁽³⁵⁾. Tudo quanto prezava a arte e entendia de musica esteve ao lado de Miguel Angelo. No fundo talvez a sobranceria de Miguel

tivesse aberto qualquer chaga no orgulho dos *janotas*, atordoados também pelas novidades técnicas que o «Eurico» trazia e que escandalisavam os orthodoxos admiradores do *Trovador* e do *Rigoletto*. Mas o que se via dos camarotes era a sabida divisão da platêa, d'esta feita aggravada até ao conflicto, que chegou a pontos de a *geral* ir a Villa Nova chamar um carniceiro forçado que saltou á *superior* com outros *jaquêtas* e deu, deu que se ouvia mais a pancadaria do que a voz afflicta do respeitavel administrador Jalles, impetrando ordem. Foi numa d'essas noites que o Girão ameaçou apear o lustre do «S. João» com uma immensa trave, de que appareceu munido na sala de espectaculos.

Nessa celeuma o talento e o prestigio artistico de Miguel Angelo não receberam uma unica arranhadura; ao contrario, recolheram a consagração da lyra ⁽³⁶⁾ de Guilherme Braga que, de

um camarote de 1.^a ordem recitou, obrigando-o o publico, em fremitos de enthusiasmo, a repeti-la.

E a despeito d'essa batalha de platêa, mais ardores de gente moça do que sincera reprovação ou antipathia pelo artista; apesar d'essas inocentes pugnas cujos condestaveis, se Miguel Angelo hoje vivesse, seriam, com certeza, os primeiros a lhe vir beijar a fronte; apesar dos tumultos, das luctas e das polemicas, o «Eurico» não diminuiu o compositor. Tanto que longe de entrar com elle o desalento que ao artista dá o insuccesso de uma obra, Miguel Angelo, quatro anos depois de o reger no «S. João», regia no Rio de Janeiro o seu «Eurico».

Foi outra batalha!

Mas essa, antes de a opera subir á scena, e precisamente para que não subisse.

Os portuguezes e os brasileiros são o pae e a mãe da politica. Quando

não teem á mão dissensões politicas, engendram desavenças literarias ou artisticas. Combatividade! Assim se arranjaram facilmente no Rio de Janeiro, em 1878, dois partidos: um que queria ouvir o «Eurico», outro que queria que se cantasse o «Guarany», opera do maestro brasileiro Carlos Gomes. Lucta mais renhida que uma eleição! Não vá suppor-se que a lucta assentava em nativismo, porque entre os que se batiam pelo «Guarany» havia portuguezes, como o pianista Arthur Napoleão, e no partido do «Eurico» filiaram-se brasileiros natos.

Venceu o partido que militava na opera do compositor portuguez. Cantou-se ⁽³⁷⁾ o «Eurico», e cantou-o o Tamagno. Foi um successo retumbante. Miguel Angelo saiu do theatro ao cóllo dos seus admiradores. Arthur Napoleão, que fizera tudo quanto podera para o seu compatriota e o seu pais não terem aquelle triumpho, sentindo-se, como

artista que é, arrebatado pela mesma onda de entusiasmo que empolgava o publico, correu sinceramente a Miguel Angelo, e tentou pegar-lhe ao cóllo. Miguel era o portuguez de boa mesa, barrigudo, soccádo, macisso; Arthur Napoleão uma alvéola com um bigode. Arthur Napoleão deitou as mãos a Miguel Angelo mas nem conseguindo move-lo do chão, disse:

— «Eu não posso contigo!...»

Miguel Angelo passou um braço pela cinta de A. Napoleão, ergueu-o como a um guarda-chuva, e estreitando-o affectuosamente, respondeu-lhe:

— «Mas comtigo posso eu!»

Esta phrase, dicta sem a minima intenção, feriu a Arthur Napoleão, com a consciencia dorida de ter combatido a representação do «Eurico», julgando «poder» com Miguel Angelo. Não foi uma estocada, mas nem o Pae do Céu alcançaria despersuadir Arthur Napoleão de que, ao abrir os braços ao

confrade, este lhe não cravára no peito uma daquellas suas sétas, hervadas de ironia. Miguel Angelo, já a esse tempo, tinha fama de um espirito sarcástico. ⁽³⁸⁾

Arthur Napoleão, que sabia que a obra de Miguel nesse genero não era das menos volumosas, julgou que o «comtigo posso eu» fosse a *riposte* á guerra que o nervoso pianista fizera á audição do «Eurico», no Rio de Janeiro, tanto mais que a questão do «Eurico», não obstante o seu triumphal exito e justamente por isso, não acabou ali.

Raphael Bordallo Pinheiro meteu-se ao barulho. Um caricaturista italiano agrediu Bordallo, desenhando-o de carapuça, tamancos, e caixa de pinho ao hombro. Bordallo aceitou com orgulho a symbolica vestimenta dos emigrantes portuguezes com que o outro o entrajára, e, no seu jornal humoristico, respondeu com esta formidavel carica-

tura: de carapuça e tamancos, a caricatura de Raphael Bordallo sentado numa d'aquellas cadeiras de engraxador italiano que se vêem nas ruas fluminenses e sobretudo nas ruas paulistanas; de joelhos, a engraxar-lhe os tamancos, o caricaturista italiano.

Esta polemica, que a tal extremo chegou, não foi talvez das causas que menos contribuíram para restituir o genial Raphael Bordallo a Lisboa.

Arthur Napoleão ficou: com a sua incurável ferida, com o seu renome de pianista excelso, o seu afreguezado armazem de pianos na Rua do Ouvidor, e a sua mania de jogador de xadrez, sua preocupação maxima que até nos carros electricos o traz de lapis e papelinho a fazer calculos de xadrez.

Miguel Angelo, esse voltou para o Porto, onde encontrou fieis as velhas estimas deixadas, como a do typico gravador Molarinho, a do dr. Costa e Almeida, a de Delfim Maia, a do te-

mido mas affectivo professor Dantas, a de Salvini, a de Francisco Braga, e a do saudoso Pae Ramos, que no *Janeiro* foi o verdadeiro condestavel do «Eurico». Continuou a professar piano e canto ⁽³⁹⁾ desde as seis da manhã ás dez da noite ⁽⁴⁰⁾.

Depois d'essa tarefa esfalfante, seguia-se o vicio do portuense intellectual ou artista: a palestra deambulante até horas mortas, por essas calçadas do Porto, rua acima, rua abaixo, sobrevivencia noctivaga dos romanticos.

Adagio EURICO



Quan - to, quant'io t'a-do - rai

And.te moderato

ZAIDA



C'e - ra u - na vol-ta'il Sul-tan

VII—O COMPOSITOR

Com essa vida dispersiva, esmagado de trabalho, absorvido pelas obrigações materiaes, a sua carreira de compositor havia de, por força, resen-tir-se, creando muito menos do que produziria se o seu intenso horario pedagogico não lhe preenchesse os dias e os annos.

Não tinha, não podia ter este método de produção a que os artistas e escriptores de hoje se assujeitam, tra-

balhando diariamente, continuamente, levantando-se mal luz a buraca, escravos da obra prima, vivendo debaixo da tortura da criação, como mineiros da Rhodesia cavando de rastros o filão d'ouro que ha-de luzir e enriquecer os outros.

Miguel Angelo creava, como todos os românticos, ao acaso da inspiração. Se lhe acudia uma phrase interessante, escrevia-a, guardava-a até uma monção de férias bater de novo nas latinas do talento e levar a obra a cabo, numa abalada. Prodigiosamente inspirado, escrevendo com espantosa facilidade, e em poucos momentos, uma ou duas paginas de musica, e tornando interessante o motivo mais banal,—embora não methodico, as suas obras nunca eram concluidas sem sofrer modificações e alterações. E posto que conscio do seu muito valor, frequentemente submetia ao seu mestre, o famoso Fétis, as suas composições, naquelle es-

crupulo desenvaidecido que só os competentes conhecem.

Assim mesmo, com a sua fortuita maneira de crear, Miguel Angelo escreveu tres operas: o «Eurico» ⁽⁴¹⁾, a «Zaida», cujo librêto elle mesmo fabricou, es-carmentado da monotonia do argumento do «Eurico», e a «Avalanche», estas duas ineditas mas conclusas. E compôs o bastante para ser julgado em face de documentos. Nas suas composições de tudo ha quanto á expressão. Na musica religiosa, como no *Te-Deum*, é grave e crente, ou havia de ser uma excepção aos românticos. Na descriptiva é flagrante e gracioso, qualidades plenamente demonstradas na «Secia» (peça dos 18 annos) em que se surprehende a faceira rodando a saia, mirando os pés, reven-do-se, narcisando-se, uma renda, dois compassos, um andar amimado, a cabeça ao lado, o dêdo na covinha da face, capricho grande d'uma mulher

pequenina, linda, teimosa, vencendo a queixar-se, acabando a dansar os seus primeiros passos, ultima a falar, primeira a pedir, terminando por impôr o que começára por cobiçar, uma sêda que ri, uma renda que soluça, galanteria que dança—a Mulher.

Ah! a sua obra de compositor para piano contém todos os valores, todos os registros da alma humana.

Na *Berceuse* é o amor maternal, desenhado por Dubufe, numa boa agua-forte de Garnier, a voz cuidosa da mãe e o canto despreocupado e futil da filha, até o lento adormecer de duas almas que se fundem na serêna certeza de Deus.

No *Scherzo Arabe* sente-se o tropear do cavallo a passo pesado, de arnez pregueado de oiro, os estribos recurvos, os pistolões de prata polvilhados de torquezas, arreios de veludo e oiro, a caravana que passa ligeira, impetuosa e, por fim, o ondular das

almas e dos altos cômoros, cadencia-
dos pelo vento mórno do Oriente, er-
guidos para Allah, á oração da noite,
na superstição statica dos desertos
arenosos.

Chopinista, como era, não deixava
Miguel Angelo de escrever mazurkas.

A 2.^a *Mazurka*, — elogiada por Er-
nesto Rudorf (⁴²), presidente do directo-
rio do Conservatorio de Berlim, que tam-
bem distinguiu lisongeiramente a *Ber-
ceuse* e a *Granadina* — é originalissima,
e em nada, a não ser no andamento,
lembra as mazurkas de Chopin, em
que se ouve tanta vez gemer a Polonia
e arquejar a resignação da Hungria.
Nesta mazurka de Miguel Angelo a
phrase é d'uma gravidade entre asso-
mos de lucta travada com a Dôr e
trompas de guerra á amargura, mas
graciosa e recahindo na dolente inde-
cisão d'uma melancolia.

A 3.^a *Mazurka*, é um mixto de la-
grimas e de risadas, um contraste de

sinos que dobram as Trindades e um assobio magano de rustico que sobe a colina, batido pela recusa da requestada, enquanto a torre novamente enche a quebrada do seu som de agonia, orando pelas esperanças desfolhadas...

A 1.^a tem a mesma caracteristica nostalgica da 2.^a mas sente-se melhor nella a resolução, digna, da alma disposta a encarar o soffrimento, embora se lhe evolem as forças nessa determinação.

A sarar o coração, dorido das *mazurkas*, ouve-se uma serenata meridional. É a *Granadina*. Transporta-nos a um pateo de Andaluzia, com canteiros, onde luzidos *charros* fazem uma velada, de que transpiram cá fóra os violões e as bandurras, vozes finas que o côro avoluma num écho enamorado, ressaltando phrases regionais, ardentes como chispas de sol beijando sensualmente os cravos vermelhos de

Granada, e acabando, esfalfada de amar, a chorar de paixão.

E na *musica de camera* legou-nos a *Ondina*, quinteto para piano e instrumentos de arco, uma das melhores obras de Miguel Angelo, inspirada numa pagina das *Solidões* do nosso poeta Ernesto Pinto d'Almeida, e que, com o *Adamastor*, — symphonia incompleta, cujas musas foram três estrophes do canto v dos *Luziadas* — são os seus dois grandes trabalhos descriptivos.

O andamento da *Ondina* é cortado por um *scherzo* delicioso, em que se sente o brincar da agoa baloiçando-se nos longes oceanicos, desnastrando-se nas crinas da vaga, mancha que vóga primeiro no cóllo da maré, que se desfaz depois como ruga desvanecida, para ressurgir feita espuma, franjar os alcantis e as areias da praia, transmutando-se numa deusa do oceano, gottejando perolas dos cabellos, desvestida pelo sol, entrajada por um beijo

de luz. A phrase principal balança sempre em toda a peça, rêde de sonho em que a Ondina dormita, até que uma vaga mais forte a cóbre e afóga num grito, e a deusa é levada num ressoar de lembranças, écho de um sonho naufragado.

Artista cuja alma se amolda a todos os motivos do sentimento, que é grave na musica sácrã, espirituoso e scintillante de graça na musica espi-rituosa, verdadeiro pintor na musica descriptiva, como não houvera de sentir o principal, mais elevado, e o mais vibrante dos motivos que podem inspirar um artista—a Patria?! Como não houvera de interpretar Portugal, elle que descrevêra as tendas do Oriente drap-ando ao capricho da brisa do deserto, elle que pintára os pateos da Andalu-zia, musicára a faceirice dos tropicos e a sensualidade do meio-dia?!

Sentiu-a, e não direi que sentiu a Patria Portuguêsa como ninguém, por

que a sentiu como todos nós. Impe-
tuosa e audaz como requer a musica
heroica, a sua *Cantata a Camões* é
uma grandiosa acclamação á Patria e
ao cantor das nossas glorias, a corôa
de louros do artista (⁴³).

Moderato

GRANADINA – Serenata



Mod.to maestoso

CANTATA



VIII—A CANTATA A CAMÕES

Escrepta para grande orchestra, seis vozes, orgão e banda, termina por um hymno á gloria de Camões e a nós, seus descendentes.

O *motivo* inicial d'este hymno, executado pelos clarins, é a sua e nossa fama trombeteada ao Universo. Logo que os clarins entôam a hossana glorificadora, o côro dos *bassos*, numa grandeza entusiastica propõem o 2.^o *motivo*, clamando com a volumosa sonoridade de uma cathedral: *A patria*

vive ainda, côro de esperanças sobre o qual se constróe todo o final da obra. Cantado pelos *bassos*, a que na mesma fé se juntam os *tenores*, como a mesma esperança rebentando d'um mesmo peito animoso e enthusiastico que fosse ressoando, peito por peito, no coração da grey, o 2.º *motivo* proposto pelos *bassos*, — *A patria vive ainda*... — passa para os instrumentos de metal que o repetem a todos os ouvidos da terra, enquanto as vozes, comovidas e felizes, o confirmam num 3.º *motivo*, *A patria redivive*, melodia larga, cheia de elevação e de firmeza que contrasta com o 2.º *motivo*, e com elle se entrelaça como a convicção se encadeia na fé, o triumpho na aspiração, a certeza no desejo, o meio-dia no amanhecer.

Através o canto, ouve-se sempre a fanfarra repetir: — *A patria vive ainda!* E' a consciencia nacional arfando a certeza dos seus immorredouros destinos.

E, exprimindo a gratidão collectiva pelas glorias amadas do Passado, como que confessando a divida mysteriosa das gerações aos seus maiores, a quem cabem todas as glorias alcançadas e a conquistar, os clarins retomam o 1.^o *motivo* de glorificação ao grande Epico e ás lusas gentes.

A orchestra esboça o 4.^o *motivo* — *A patria redivive!* —, e, através d'aquelle, os differentes grupos de vozes, isoladamente, uns após outros, numa continua modulação descendente repetem o 2.^o *motivo* — ...*de cada peito um brado* — que vae diminuindo até o pianissimo, apparecendo como repercussões que repetem sempre a mesma phrase, tiritantes de ditosa emoção, e vão sendo menos nitidos aos nossos ouvidos, ao passo que estão atroando de assombro, e respeito pelo Portugal heroico, as longinquas latitudes do globo.

Pouco a pouco os sons tornam-se

mais distintos, as vozes juntam-se, já não são só os cerebros da vanguarda reanimando um povo, mas todas as almas, erguidas a este amanhecer consolador. A sonoridade vae augmentando até attingir um fortissimo—*De cada peito um brado s'eleve sonoro de culpas redemptor.*

Reencadeiam-se os dois gritos: *A patria vive ainda! a Patria redivive!* (2.º e 3.º motivos) num élo de fé, cada vez mais grandioso; os clarins retomam agradecidamente a phrase reconhecedora e glorificante do Cantor, e, em unisono, pelas vozes e orchestra, num grandioso *tutti*, o 2.º motivo ressurge, affirmando, jurando: *Não cai teu povo augusto, a Patria vive ainda!...*

Escrepta em 1880, para o tri-centenario de Camões ⁽⁴⁴⁾ a *Cantata* contém tal grandiosidade que dir-se-ia sonhada não para ser, como foi, cantada no Palacio de Crystal, por uma massa choral de 200 vozes, mas para

ser entoada do alto dos Montes Herminios, por toda a Patria.

A sua sensibilidade de artista não podia dissentir da vibração nacional que á angustiada alma portugueza deu o tri-centenario de Camões.

Foi uma hora de bellas demencias patrioticas, a primeira desde o seculo XIV em que o povo dispensou as *élites* e se recordou de que fôra o povo quem fizera Portugal.

Hora luminosa de commoção collectiva, que promettia a ressurreição d'uma alma num corpo secularmente adormecido!

Hora em que os artistas e os escriptores vieram á rua abraçar o Povo, e o Rei saiu do seu palacio para ver a magestade da Nação abraçada á estatua do Epico!

Momento raro em que a decadencia pareceu digna da idade doirada, e em que de todos os peitos se diria sair em unisono as ultimas quadras

dos *Echos de Aljubarrota*, de Guilherme Braga:

Ó meu berço natal! Se um dia acaso
Tens de ceder, que seja na batalha;
Que do teu claro sol o extremo ocaso
Só te illumine as pregas da mortalha.

Da guerra aos vendavaes solta de novo
Do passado o estandarte venerando!
Mostra aos povos do mundo como um povo
Ao lado do seu rei morre lutando!

Mas, antes que das ultimas fileiras
Caíam por terra os ultimos soldados,
Salva, salva das garras estrangeiras
Da tua historia os fulgidos legados!

Se Camões te deixou gloria tamanha
Que a não calquem aos pés da Hespanha as alas,
Dá-lhe outra inda maior! Envia á Hespanha
A estatua de Camões... fundida em balas!

Por todo o céu de Portugal se
ouvia o bronze camoneano e o oiro

das estrophes do poema vibrar o mesmo côro patriotico do Salado, de Montes Claros, do Ameixial, e de Aljubarrota.

Á emoção que arrepiava a grande grey era de pensar se a cada coração português não encostaria a fôlha da espada de Nun'Alvares.

Resava-se os *Luziadas*, a biblia da Patria Portuguêsa, cantava-se como soldados marchando á peleja, guiados pelas sombras mestras dos Mortos. Os poetas comungavam no altar dos Jeronymos, os guerreiros iam receber o santo e a senha ao asceta do Convento do Carmo, os artistas desposavam a gloria nas capellas imperfeitas da Batalha.

Miguel Angelo tomou os canticos guerreiros, o hemistichio crébro dos poetas, a delicada agulha que teceu as rendas gothicas, escutou todos os hymnos da Patria, desde Ourique a Alcacer-Kibir, e, numa inspiração de can-

tor nacional, subiu ao castello d'uma caravella, enfitou a Cruz de Christo que sangrava o linho morêno do velame e empunhando o bastão de D. João I, regeu a *Cantata!*



Foi a voz do povo português! foi o creador do verbo em que a Patria queria articular a sua admiração ao Poeta Nacional. O calor d'essa hora de 1880 encandescceu-lhe a alma, o ambiente moral, d'esse relampejante momento de consciencia da nossa grandeza, suggestionou o artista. Mas o artista integrou-se docilmente, entusiasticamente no momento historico, soube ser homem do seu tempo e interprete d'aquelle zenith, foi a expressão

das *élites* que não são mais do que a consciencia dos povos presentindo-lhes o pendor dos seus destinos, canalizando-os, focalizando-os, acompanhando-os como margens que encaminham a correnteza dum caudal.

Quando as *élites* não desencaminham as inclinações da raça, a maior gloria é para ellas. A *élite* portugêsa dos seculos xv e xvi, que tão bem comprehendeu a ancea de gloria que palpitava no povo, é quem hoje frúe o melhor d'essa gloria.

Por isso mesmo nós não relembramos hoje a massa coral que cantou a *Cantata de Camões*. Essa massa coral é o retrato da massa anonyma a que a Historia chama o Povo, e aquellas duzentas vozes são a synthese dos milhões de vozes que, por Portugal todo, cantavam o santo entusiasmo da rememoração camoneana!

Por isso mesmo nós relembramos hoje Miguel Angelo, o artista que ins-

trumentou o patriotismo, o orgulho dos tempos épicos —, e a elle estamos a glorificar.

Esta conferencia e este concerto não são preitos familiaes e affectivos, mas o exiguo pago das novas gerações, perdidas e aterradas no desvayro da nossa idade historica, querendo volver á vida honrada e estimavel do longinquo passado.

Está na logica do momento a veneração dos grandes homens.

Vive-se hoje em Portugal, como por todo o mundo culto, uma hora de arrependimento social, em que todas as nações, que não querem suicidar-se, acautelam a náu dos seus destinos com as fortes amárras da tradição.

Uma fogueira de odios devora a Europa. As labarêdas affogueiam já sinistramente as paisagens do Novo Mundo, como chammas de incendio transpondo a rua e ateando a maldição destruidora á casaria fronteira.

Venturosamente, o instincto de conservação faz com que cada grey chame pelos deuses do lar.

Evoquêmos os nossos e elles nos acudirão!

Não podem vir tomar parte na acção, praticar a façanha, reeditar a gloria, mas ensinar-nos-ão, com seus conselhos e lições, a temperar as espadas e a praticar feitos semelhantes aos seus.

Não nos considerêmos perdidos!

Um povo, como o homem, só morre quando quer.

O homem que acaba resignado é porque sente ter completado a sua missão na terra. Aquelle que abraça a serena certeza de viver largos annos é porque presente que a sua obra levará todos esses annos a fazer.

Portugal não quer morrer, e não ha-de morrer!

Arremessêmos para longe de nós os macios almadraques do optimismo,

mas arreneguêmos dos pessimismos desvairantes!

A hora é angustiosa?

Encarêmo-la valorosamente como Nun'Alvares encarou as pelejas.

Não nos deixêmos abater pelo que sofframos. Os politicos desaparecem como actores logo que cõe o panno. O estadista esse é tão raro como o poeta épico. O politico é o intermediario, o executante, o caixeiro da alma nacional. Terminada a tragedia, o panno cae, o actor sóme-se. O que fica é a gloria do autôr. O autôr é o Povo.

E o nosso povo é que ha-de escrever a continuação dos *Luziadas*.

Não o calumniêmos, porque calumniar ou desdenhar o povo português é desprezarmo-nos a todos nós, um por um. Elle é o grande creador das glorias e dos feitos, o inspirador dos nossos poetas, o padroeiro dos nossos herois, o legitimo autôr das nossas obras de arte.

Foi elle afinal que escreveu os *Luziadas*, que venceu em Aljubarrota, que amamentou Nun'Alvares e lhe vestiu a estamenha de monge, que aconselhou o Mestre, que timonou as caravellas do Gama, que redigiu o *Auto do Vaqueiro*, que modelou a Custodia de Gil Vicente, que pintou as taboas de Nuno Gonçalves, que salvou Portugal das garras napoleonicas, que gravou 1640, que escreveu o *Frei Luiz de Souza* e o *Amôr de Perdição*, que compôs a *Cantata a Camões* e a abriu deante da alma de Miguel Angelo para elle a transcrever.

Se temos queixas a apresentar, queixêmo-nos antes das *élites*. O povo, a raça quando érra é pura de má intenção. Eu não tenho medo de que Portugal succumba, porque nunca me arreceei d'este povo.

Tomêmos do passado o que o passado tem de forte e de sério, que não foram os outeiros e os *lunduns*, levê-

mos a nossa coragem a retemperar ao
alfagême nacional, que é o povo, escu-
têmos-lhe a sua canção de esperança,
instrumentêmos esse grandioso motivo
na tonalidade da tradição sádia, e vereis
que um atêrro de rosas e de louros
planificará o abysmo.

Inspirêmo-nos no povo, que os guerreiros, os poetas, os escriptores, os musicos, os artistas são enviados do povo.

O politico morre, e com elle o seu maleficio de que apenas fica o rescaldo, que o bom senso varrerá.

Só o povo e o artista—como Miguel Angelo—são immortaes!

15 - Maio - 1916.



NOTAS

Moderato

N'UM BAILE



(¹) Primeiro braço d'armas do Porto.

(²) Segundo braço.

(³) D. Nonego, bispo de Vendôma —, que aprocou ao Porto, em 984, com bravos capitães e francêses que D. Moninho e D. Fernando, filhos do conde D. Gonçalo Moniz, Senhor do Porto, foram buscar á Gasconha —, trouxe de França uma devotissima imagem de N.^a S.^a de Vendôma que mandou collocar em um nicho, sobre um arco aberto na muralha (*Arco de Vendôma*), ao fim da rua Chan, á entrada do Largo da Sé.

(⁴) As tropas liberaes, entrando no Porto, em 9 de julho, enlouraram as escopêtas com hortensias.

(⁵) Camillo C. Branco.

(⁶) Terceiro braço.

(⁷) D. João I casou no Porto com a filha do Duque de Alemcastre, D. Filippa, fundadora de S.^{ta} Clara.

(⁸) Cordoaria.

(⁹) Nasceu a 27 de janeiro de 1843, e falleceu a 1 de fevereiro de 1901.

(¹⁰) Mas vindo seus paes pouco depois para o Porto, foi baptisado na egreja de Cedofeita.—B. V. Moreira de Sá—Artigo intitulado *Miguel Angelo Pereira*—Porto, 6 maio 1915.

(¹¹) Alfredo Angelo é brasileiro nato. É afilhado de Miguel.

(¹²) Di-lo Miguel Angelo numa nota á biografia que no «*Porto-Elegante*» d'elle traçou Guilherme Braga e que Miguel Angelo transcreveu no seu quinzenario de revista musical o *Eurico*—Porto, 15 maio 1886.

(¹³) Criam nome ao longe, illustram-se e illustram-na? Nem ella o sabe, nem se importa; elles, sim, de fibra tão filial de raiz, que não escondem nunca generosos o amor proprio do seu berço. Manuel Bento e Thomás de Carvalho não se esqueciam de dizer-me: «*Olhe que eu sou do Porto*»—Ricardo Jorge—«*Ramalho Ortigão*»—Brochura de 57 pag.—Lx.^a 1915—Pag. 20.

(¹⁴) A. e ob. cit. pag. 4.

(¹⁵) «...com pouco mais de dez annos de idade partiu com a familia para o Rio de Janeiro...»—B. V. Moreira de Sá—ob. cit.

(¹⁶) Ali foi discipulo do notavel mestre brasileiro Francisco Manuel da Silva, recebendo tambem excellentes licções de Talberg, quando este pianista

fez a sua digressão de concertos, pelo Brasil.—B. V. Moreira de Sá—ob. cit.

(¹⁷) Miguel Angelo tinha cerca de vinte annos de idade quando veio para o Porto onde as suas notaveis faculdades musicaes encontraram meio idoneo e onde rapidamente grangeou fama de grande musico—B. V. Moreira de Sá—ob. cit.

(¹⁸) Como pianista, não sendo um virtuose no genero do nosso grande Arthur Napoleão, possuia todavia uma technica muito consideravel, primando em formosa sonoridade e na maneira de fazer cantar o piano—B. V. Moreira de Sá—ob. cit.

(²⁰) Por esse tempo ditoso, alguns d'elles fundaram o *Grupo dos Catreus*. Um dia os Catreus foram libar para Valbom. No fim do abbacial jantar, as pernas não podiam com o estomago. O dono da quinta onde elles commemoraram, emquanto teve camas foi-os deitando. Como as barras não chegassem para todos, chamou o carreiro, acolchoou de palha enxuta o leito de dois carros, deitou tres dos hospedes numa viatura, outros tres ou quatro noutro, mandou pôr os bois ao carro, e despachou-os para a cidade.

—Tu conheces estes senhores?—preguntou o patrão ao carreiro.

—Este conheço, os outros nunca os vi mais gordos!

—Então aqui tens este papelinho com os nomes das ruas e os n.ºs das portas das casas d'elles. Tu bates á porta, e lá te dizem quaes são.

Parte a procissão dos carros de bois, carregados de *Catreus*, que roncavam a bom roncar. Chegado

o carreiro á primeira casa, bateu. Á creada que acudiu á janella, perguntou:

—É aqui que mora o snr. Fulano?

—É, sim, senhor.

—Então venha cá baixo escolher!

(²¹) Apezar de Guilherme Braga affirmar, ao biografá-lo: "para ser um bom pianista é preciso dotes physicos que Miguel não deve á natureza".

(²²) Borges de Avellar foi companheiro e amigo de Miguel. E o acaso quiz que as duas campas ficassem a par, visinhando assim e continuando no outro mundo tão estreitamente unidos como nesta vida.

(²³) Borges Armador, e politico, entrando um dia na sala de jantar d'um hotel, deu com Miguel Angelo a dormir, encostado á mesa.

—Jantas commigo? convidou Borges.

—Posso jantar—respondeu Miguel.

Jantaram. No fim, Borges deitando os olhos á conta:

—Tres jantares?! Aqui ha engano. Dois, sômos dois.—

—Não que aquelle senhor já tinha jantado—elucidou o creado.

—É verdade é—confirmou Miguel Angelo.—Eu tinha acabado de jantar, quando tu chegaste.

(²⁴) João Antonio Miranda Guimarães.

(²⁵) Casa de musicas na R. Santo Antonio.

(²⁶) Depoimento do illustre pianista snr. Ernesto Maia.

(²⁷) Meia libra por licção, honorarios assombrosos para a epoca.

(²⁸) Entre os que ainda hoje vivem contam-se a

Ex.^{ma} Snr.^a D. Thereza Amaral, os snrs. Moreira de Sá, Ernesto Maia, Arthur Ferreira e Oscar da Silva.

(²⁹) A sua reputação de compositor principiou com um *Te-Deum* para quatro vozes e orchestra, executado por ocasião da inauguração da estatua de D. Pedro IV, na actual Praça da Liberdade. Logo depois escreveu *Progredior* grande marcha para orchestra, banda e órgão, executada com grande applauso na abertura da exposição internacional do Palacio de Crystal, em 1865.

(³⁰) Dir-se-ia que o destino querendo assegurar á humanidade a continuação da maneira chopinista, ao expirar Chopin (1849) creava o seu maravilhoso executante: Miguel Angelo.

(³¹) "A primeira execução d'esta opera realisou-se em Lisboa, no theatro de S. Carlos, no dia 23 de Fevereiro de 1870, tomando parte n'ella o notavel barytono Merly. Cantou-se depois no Porto, em Janeiro de 1874, e quatro annos mais tarde no Rio de Janeiro." — B. V. Moreira de Sá — ob. cit.

(³²) A falta de exito do "Eurico," foi devida a varias causas. Em primeiro lugar, a execução tanto em Lisboa como no Porto, se exceptuarmos o já citado Merly, foi mediocre. Depois a falta de violencia dramatica no genero do "Trovador," e do "Rigoletto," violencia que excitava vibrações de entusiasmo nos frequentadores da opera, sobretudo quando um tenor robusto fazia uma valente pega de cara a um tourino *dó do peito* no *Corro a salvarte, madre infelice*, a qual, no dizer do snr. José do Capote — tinha tempo mais do que sufficiente para ficar em torresmos.

Depois, tambem no "Eurico," não havia a can-

tilena *chitarrevole* a que o publico estava acostumado, a cantilena do *Spir'to Gentile*, do *Eri tu*, de *La donna é mobile*, etc. Apesar das fraquezas de uma primeira opera, o "Eurico," tinha meritorios predcados que desnorteavam os ouvintes nos seus habitos: participacão mais consideravel e expressiva dada á orchestra na contextura da composicão, a tonalidade fielmente mourisca das "Danças Arabes", e até o Preludio da opera em que o côro religioso das monjas se faz ouvir com texto latino, estando ainda o pano corrido. Estas e outras circunstancias mostravam aos espiritos esclarecidos que o "Eurico," não era um mero *pasticcio* de Verdi ou Donizetti, e que, pelo contrario, o autor possuia uma intelligencia clara e desejosa de procurar novos e mais dilatados horizontes." — B. V. Moreira de Sá — ob. cit.

(33) "...libreto, extrahido por Pedro de Lima do romance de Herculano, foi vertido para italiano pelo professor Tagliapietra, durante longos annos chefe dos côros do nosso teatro lirico," — B. V. Moreira de Sá — ob. cit.

(34) "Eximio ledor á primeira vista, era primoroso acompanhador;" — B. V. Moreira de Sá — ob. cit.

(35) Emygdio d'Oliveira tinha, então, um jornal de rapazes *O Club* que publicou um numero dedicado ao *Eurico*. Vendeu-se na Praça Nova e no Theatro de S. João. Além de appoiar Miguel Angelo e o seu *Eurico* nas paginas do *Club*, Emygdio d'Oliveira bateu-se pela opera e pelo compositor ao lado dos homens, que naquella epoca de romantica sinceridade, entendiam não bastar a penna, ser preciso tambem o sôcco para impôr a obra d'arte d'um portugûês aos seus coévos.

A vasta inspiração do genio soberano
Que, em face ás multidões, abraza o genio teu,
E' viva como o sol, grande como o oceano,
Sublime como a luz, profunda como o ceu!

Polúla-te do craneo a idea, a forma austéra,
Que s'expande depois n'uns turbilhões febris,
Como a fervente lava irrompe da cratera!
Como a espuma se arroja aos negros alcantis!

Do triste scismador dos êrmos de Carteia,
Cinzelára Herculano a estatua colossal,
Drama que assombra a Historia, o Cantico, a Epopeia!
Mixto d'inferno e ceu! fóco do bem, e do mal!...

D'Eurico a immensa dôr tu vistel-a de perto!...
Desceste áquele abysmo a profundar-lhe o horror,
E a gente ouve rugir os ventos do deserto
Na voz que deu á estatua o audaz compositor!

Uma cidade inteira, artistas, e que cidade!
Te vem poisar na frente a c'rôa triumphal!
Lê-se n'os seus braços: « *Trabalho e Liberdade!* »
Folga, anima-te, exulta, espirito immortal!

Dás gloria ao teu paiz! por entre os portuguezes
Não podias passar desconhecido e só!
Perdoa a affronta vã que te assalta por vezes:
— Sombra, que em sombra jaz! pó que voltas ao pó!

Quem não ha-de sentir orgulho de saudar-te
No ardente phrenesi d'esplendida ovação,
Se tens escriptos n'alma os Evangelhos d'Arte?
Se tu nasceste aqui? Se tu és nosso irmão?

Guilherme Braga. (Poesia recitada pelo autor no theatro de S. João, do Porto, n'uma noite em que se cantava o "Eurico").

(³⁷) Presidiu á Commissão Portugueza que promoveu a assignatura para garantir a quantia de 28:000\$000, exigida pela empresa para fazer representar o "Eurico," no Rio de Janeiro o Ex.^{mo} Snr. Commendador Antonio Joaquim Coelho, a cuja filha, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Rita Emilia da Silveira offereceu Miguel Angelo a sua valsa—*Redemoinho* e vice-presidiu o snr. Augusto Pinto Chaim, sendo a sua Esposa a Ex.^{ma} Snr.^a D. Julia Joaquina Machado Chaim offerecida a composição—*N'um baile*.

(³⁸) Contam-se inumeros dictos de Miguel Angelo que lanhavam o adversario de occasião. Um dia, que os filhos do maestro foram cantar a uma festa numa povoação proxima do Porto, Miguel acompanhou-os. Á mesa do jantar, um humilde mestre capella, que do côro vivia menos que da cobrança do jornal o *Primeiro de Janeiro*, levantou-se, e, empunhando a taça saudatoria, brindou:

— "Ao meu collega Miguel Angelo!"

Repentista e cortês, Miguel agradeceu:

— Eu não brindo ao meu *colega* Lemos, brindo ao honrado cobrador do *Primeiro de Janeiro*!

(³⁹) "... tinha além d'isso dotes pedagogicos que faziam d'elle um notavel professor"—B. V. Moreira de Sá—ob. cit.

(⁴⁰) Cheio de discipulos, chegou só num curso a juntar 57 alumnos. E se algum lhe communicava que tinha de interromper a educação musical por falta de meios, Miguel Angelo atalhava bondadosamente:

— “Isso não é motivo para deixar de estudar! Continue a vir ás lições.”.

(⁴¹) Uma vez, um dos filhos, o Virgilio, ainda pequeno, tinha de ir tocar á Igreja do Carmo, e, não dispondo de musica propria para o acto, pediu, horas antes, ao Pae que lhe escrevesse qualquer coisa. Miguel Angelo sentou-se ao piano, e escreveu uma composição, a tempo de o pequeno a estudar descançadamente.

(⁴²) *Berlim, 27 de outubro de 1887*

Mui presado senhor:

Teve V. a bondade de enviar-nos algumas das suas composições, mas n'uma occasião em que os cursos estavam fechados e ninguem havia para lhe agradecer. Depois da minha volta, fui encarregado de lhe exprimir, em meu nome e no dos restantes membros do Directorio, o maior reconhecimento pela sua offerta: e faço-o com satisfação extrema por ter a honra de assegurar-lhe que as grandes delicadezas musicaes que me foram reveladas em muitas passagens ao examinar os seus trabalhos, causaram-me supremo prazer. Foram especialmente a *Berceuse*, a *Granadina* e a *Mazurka* n.º 2, ré-b maior, as que mais me impressionaram como attrahentes e originalissimas.

Com a maior consideração, saudo-o, senhor, como quem é

De V. muito dedicado

Ernesto Rudorff

Professor e director da classe de piano e membro do Directorio

(43) "A obra prima de Miguel Angelo é incontestavelmente a cantata *Luiz de Camões*. Composta no centenario do poeta, em 1880, por occasião do movimento que galvanisou um pouco e de modo ephemero, infelizmente, o espirito nacional, musicada sobre um bello e patriotico poema do professor Francisco Bernardo Braga, esta obra revela poderosas qualidades de lirismo e atinge por vezes verdadeira grandeza. Foi executada no Palacio de Crystal, no mais grandioso festival que se tem realisado nesta cidade." — B. V. Moreira de Sá — ob. cit.

(44) A massa coral era formada pelas senhoras e rapazes da nossa sociedade do Porto. Levaram mezes os ensaios. Miguel Angelo chegou a desanimar, ante a difficuldade de disciplinar as bandas. Cyriaco de Cardoso voltou do Brasil nesse momento: a sua experiencia, de primeiro regente da Banda do Palacio de Crystal, lembrou o seu nome. Cyriaco encarregou-se da batuta das bandas, Moreira de Sá das vozes, e Miguel Angelo da orchestra. Os elegantes coristas da cantata é que nunca se desalentaram nem se queixaram dos ensaios. Quando eram ensaios parciaes — só homens — era preciso andar a procura-los pelos cafés e pelos clubs. Mas em noite de ensaio de conjuncto, rapazes e raparigas, compa-reciam todos. Como não podia deixar de acontecer houve derriços, e se do tri-centenario de Camões não surgiu uma patria nova e forte, dos ensaios da *cantata* saíram muitos casamentos.

Os que amavam a musica já habituados áquelle ambiente de trabalho, quando acabou a audição da *cantata* ficaram sem saber em que empregar o tempo. E assim lembrou a creação do *Orpheon Portuense*,

cujo programma era primitivamente o *canto choral*, o orpheon, suggerido pela massa choral da *cantata*. Feitas as reuniões preparatorias em casa do snr. Henrique Kendall, lançaram-se as circulars, assignadas entre outros, pelos snrs. Moniz, fallecido socio da Livraria Magalhães & Moniz, Ernesto Maia e Honorio de Lima. Não creou o *canto choral*, o prestimoso *Orpheon*, mas, não ha nega-lo, tem exercido no Porto uma assignalada influencia, sustentando e desenvolvendo o culto musical. E é justo consignar que ao snr. Honorio de Lima deve o *Orpheon* e o Porto o prazer espirital de ter ouvido as maiores sumidades que a arte de todos os paises tem produzido nas ultimas decadas, devendo-se só por isso ao delicado *diletanti* a maior gratidão.

Thomaz Ribeiro veio ao Porto tomar parte nas festas do tri-centenario, e recitou a sua melhor poesia. Levantou-se, da galeria, Diogo Souto, o *Souto da cartola* para recitar o *Amicas Veritas* que terminava por affirmar que se Camões tornasse a viver tornaria a morrer de fome. lam-o matando. A verdade é fraticida.

Andante EURICO

Un di To-le-do al - te - - - ra

OBRA DE MIGUEL ANGELO

OPERAS

Eurico

Zaida e Avalanche (Ineditas)

ORCHESTRA

Adamastor
Phantasia Heroica
Cantata a Camões
Marcha Progredior
Grande Marcha Trium-
phal

Invicta
Surrexit
Hymno a A. Garrett
Marcha do Odio
Marcha Episcopal
Valsa-Polka

MUSICA SACRA

Te-Deum
Stab Mater

Ave-Maria
Salutaris

e diversas missas

MUSICA DE CAMERA

Quartetto de corda

Ondina — quintetto

Mí-Lá-Ré-Sol-Dó — Scherzettino

MUSICA DE PIANO

Sécia
Presumpçosa
Rodomoinho
N'um baile
Confidencia

Melodia
Scherzo arabe
Tres Mazurkas
Berceuse
Granadina

e varios ineditos

Para dança muitas composições com o pseudonimo de *Pam*

MUSICA DE CANTO

Canção d'Abril — Lettra de Diogo Souto

Serenata — Lettra de João de Deus

ERRATAS:

Esqueceu incluir a nota 19, que de resto se reduzia
ao simples pictoresco de uma anedocta da época.

500 REIS

biblioteca
municipal
barcelos



60074

Deuses do lar